

Sumário

Apresentação: 500 anos da Reforma	9
Mapa	14
Prefácio	15
Prólogo: Aqui permaneço	21
1 A religião medieval	25
O contexto da Reforma	
2 O vulcão de Deus	49
Martinho Lutero	
3 Soldados, linguças e revolução	85
Ulrico Zuínglio e os reformadores radicais	
4 Depois das trevas, luz	115
João Calvino	
5 Paixão em chamas	149
A Reforma na Grã-Bretanha	
6 A reforma da Reforma	183
Os puritanos	
7 A Reforma acabou?	215
Linha do tempo da Reforma	233
Leituras adicionais	239
A viagem da Reforma 2017	245



500 anos da Reforma

Neste ano de 2017 a igreja evangélica no mundo inteiro celebra os 500 anos da Reforma Protestante do século 16. A data tradicional em que se celebra este evento importantíssimo para a história do Ocidente é o dia 31 de outubro, quando Martino Lutero afixou na porta da Igreja do Castelo da cidade de Wittenberg, na Alemanha, o *Debate para o esclarecimento do valor das indulgências*, que tem sido chamado popularmente de as “95 teses”.

O que torna esse ato de contestação de Lutero tão significativo é que sua atitude de afixar na porta da igreja suas teses era parte de um movimento internacional – e praticamente simultâneo – de retorno aos antigos marcos da fé cristã, como estabelecidos na Escritura. Por toda a Europa homens e mulheres se destacaram na luta para reformar a fé, redescobrando seu caráter evangélico. O amigo e cooperador de Lutero, Felipe Melanchthon; Ulrico Zuínglio, em Zurique; João Calvino, em Genebra; Martin Bucer, em Estrasburgo; William Tyndale e Thomas Cranmer, na Inglaterra; João Knox, na Escócia; Menno Simmons, na Holanda, são os nomes que mais se destacam nessa época. Entre as mulheres podem ser mencionadas Katherine von Bora, esposa

de Lutero; Katharina Schutz Zell, de Estrasburgo; Marguerite de Navarre, irmã do rei francês Francisco I e protetora dos reformadores franceses; Jeanne d'Albret, rainha de Navarre; Jane Grey, rainha da Inglaterra por poucos dias; Marie Dentière, de Genebra, que escreveu o prefácio a uma publicação de Calvino; e a italiana Olimpia Fulvia Morata, uma erudita em latim e grego.

Mas o que é “Reforma”, afinal? A palavra é uma tradução do latim, *reformatio*, e, de acordo com Patrick Collinson, traz a noção de “rejeição de novidades, que se definiam pelas graves distorções da verdade cristã que passaram por verdades em séculos mais recentes, e que conhecemos como catolicismo medieval”. Já no século 15 os cristãos ocidentais falavam de reforma, “termo frequentemente encontrado na fórmula ‘reforma da Igreja, de sua cabeça e seus membros’ e nesse nível acreditava-se que o objetivo da reforma deveria ser todo o corpo da Igreja, porém mais especialmente as camadas mais elevadas”.¹

Mas a Reforma do século 16 foi diferente das tentativas anteriores. Carl Trueman oferece a seguinte definição: “A Reforma é a tentativa de colocar Deus, como ele se revelou em Cristo, no centro da vida e do pensamento da igreja”.² Podemos perceber isso nas três áreas que foram reafirmadas pela Reforma do século 16: a centralidade da Escritura, a justificação pela fé e o sacerdócio de todos os crentes.

¹ Patrick Collinson, *A Reforma* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2006), p. 32, 37.

² Carl R. Trueman, *Reforma ontem, hoje e amanhã* (Recife: Os Puritanos/CLIRE, 2013), p. 19.

A igreja medieval teve sua autoridade minada por causa do papado desacreditado e do clero corrupto. Foi nesse contexto que os reformadores reafirmaram a autoridade da Escritura como um guia certo e suficiente para a salvação e o conhecimento de Deus. O fundamento da autoridade não era a Escritura interpretada pela igreja e pelo clero. Era a crença na clareza da Escritura, a noção de que qualquer pessoa, por meio da iluminação do Espírito Santo, poderia entender a mensagem central da Palavra de Deus, que é o caminho da salvação por Cristo somente. Por isso, os reformadores pregaram, ensinaram e traduziram a Escritura na língua do povo e creram que foi a Escritura que produziu a Reforma.

A segunda e mais importante doutrina redescoberta pelos reformadores foi a doutrina de justificação pela graça, baseada somente na livre graça de Deus, e recebida pela fé somente. Num contexto dominado por ideias da graça divina mediada pelos sacramentos eclesiásticos e recebida pela cooperação do fiel, além das noções de que a salvação poderia ser conseguida mediante a compra de indulgências, o ensino bíblico da justificação redescoberto pelos reformadores foi como bálsamo para corações feridos. Não é surpresa que aqueles que entenderam este ensino, e receberam alívio, segurança e esperança por meio dele, preferiam morrer antes de negá-lo. Portanto, a ideia da imputação da justiça de Cristo ao que crê somente foi o coração da mensagem da Reforma do século 16.

A terceira área reafirmada na Reforma foi a redescoberta de uma nova compreensão da vida cristã. A igreja medie-

val era dividida em duas classes, o clero e o laicato. Nos anos anteriores à Reforma, houve, entre muitas pessoas, fome de comunhão mais íntima com Deus, e surgiram movimentos para suprir estes anseios. Mas algumas destas pessoas não podiam se tornar membros do clero, por causa das responsabilidades com suas famílias, e outras não queriam se tornar membros do clero por causa de sua corrupção.

Os reformadores, então, afirmaram e ensinaram que nem todos são chamados para ser pastores, mestres ou conselheiros. Há um só “estado” – todos os cristãos são sacerdotes –, mas uma variedade de funções, isto é, cada cristão tem um chamado específico da parte de Deus, para glorificá-lo no mundo. Assim, todo cristão é sacerdote de alguém, e somos todos sacerdotes uns dos outros. Portanto, não se pode ser cristão sozinho, é necessária a “comunhão dos santos”, a igreja, que deve ser uma comunidade de intercessores, um sacerdócio de amigos que se ajudam, uma família na qual as cargas são compartilhadas e suportadas mutuamente.

É importante ressaltar que essa noção de sacerdócio universal de todos os crentes contribuiu em muito para um cristianismo menos hierarquizado e foi parte essencial da construção da democracia em toda a civilização ocidental. Essa ideia é fundamental para que cada cristão lembre de sua responsabilidade perante Deus, sem depender de pretensas instâncias religiosas que controlem sua vida.

Assim, ainda que sejam consideradas questões políticas, sociais, culturais e econômicas na Reforma Protestante, a marca significativa deste movimento é a sua clara preocupação com a doutrina e a prática da fé como afirmada na Es-

critura Sagrada. Essa postura nunca deixará de ser atual, pois a igreja deve ser *semper Reformanda*, isto é, sempre voltar ao fundamento, à Escritura, que deve ser permanentemente visitada para que a igreja seja iluminada e conduzida pela Palavra de Deus, que nos foi revelada como única regra de fé e prática.

Soli Deo Gloria!

Franklin Ferreira, pastor da Igreja da Trindade e diretor geral e professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, SP.

Luiz A. T. Sayão, pastor da Igreja Batista Nações Unidas e professor da área bíblica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, SP.



Lugares mais importantes da Reforma

Prefácio: Corremos o risco de esquecer o motivo da vida e da morte desses homens

Esta é uma história que precisa ser contada hoje mais uma vez. Michael Reeves nos prestou um importante serviço ao fazê-lo.

Quinhentos anos atrás, a Igreja Católica Romana alertou os reformadores protestantes e quem se sentia tentado a segui-los que seu movimento se dividiria e dissolveria em incontáveis facções, se eles rejeitassem a autoridade do bispo de Roma. Os anos de conflito viraram décadas, e as décadas iniciais, daí em diante, avançaram em séculos de separação de Roma. Agora, com meio milênio de evidência, pode-se dizer de modo conclusivo que as acusações romanas de instabilidade e divisão infinita eram infundadas. Elas não aconteceram.

A autoridade da Bíblia tem sido suficiente para garantir que milhões e milhões de protestantes creiam e partilhem o mesmo evangelho por séculos. Há recursos para apoiar missionários em milhares de lugares diferentes. E os falsos profetas — lobos em pele de cordeiro que Jesus nos advertiu que viriam — podem ainda estar entre nós. Há liberais que negam a Bíblia, legalistas e moralistas que

ignoram sua mensagem, e teólogos da prosperidade que a distorcem, mas há incontáveis milhões que leram a Palavra, compreenderam-na e creram no evangelho. O evangelho bíblico anunciado por Jesus, ensinado a Paulo e confessado por incontáveis mestres daí em diante — entre eles, Lutero, Zuínglio e Calvino — ainda é ensinado ao redor do mundo por homens e mulheres sem nenhuma ligação institucional com qualquer bispo terreno, seja de Roma ou de outro lugar. Um missionário da Assembleia de Deus nas Filipinas, um ministro anglicano em Sydney ou na Tanzânia, um pastor batista no Brasil, um ministro luterano em St. Louis, um ministro presbiteriano na Escócia, um missionário coreano em Estocolmo e um pastor interdenominacional em Dubai podem nunca se encontrar. Talvez nunca integrem a mesma organização terrena. Mas, de modo diferente do alerta de Roma, estão e permanecerão unidos no evangelho de Jesus Cristo. Todos eles trabalham pelo crescimento do evangelho, do reino, da igreja ao redor do mundo. E pregam o evangelho rejeitado oficialmente pela Igreja Católica Romana na trágica e heroica história do século XVI.

Embora o evangelho bíblico fosse ensinado sem dúvida antes do século XVI (veja o fascinante estudo de Marvin Anderson, *The Battle for the Gospel [A batalha pelo evangelho]* [Baker, 1978]) o conflito a seu respeito tornou-se incontornável no início do século XVI, em uma série de acontecimentos povoados com personagens marcantes e cenas emocionantes. Conduzem-se estudos em lugares calmos; seus frutos, porém, podem ter implicações trovejantes. E nenhuma implicação causou mais estrondo que a história das descobertas feitas por um monge alemão, um humanista francês e um sacerdote suíço, dentre centenas de outros.

A justificação só pela fé exclusiva em Cristo foi pregada bem além dos muros de Wittenberg, Zurique e Genebra. Inglaterra, Escócia, Noruega, Suécia, Dinamarca, muitos dos estados alemães e cantões suíços, os Países Baixos — todos foram banhados por essa maré da Reforma. Muitos não percebem hoje que o mesmo ocorreu em grandes porções da França, Hungria, Polônia e Itália, e milhares de outras pequenas cidades e vilas espalhadas pela Europa. Quando os países da Europa ocidental enviaram populações para o Caribe e a América continental, sacerdotes católicos romanos e pregadores protestantes os acompanharam. Assim, o conflito da Reforma adentrou o Novo Mundo também. E ainda convivemos com ele.

Este livro se concentra nas primeiras décadas dessa notável história. Com relatos, narrações e explicações que capturam parte dos lampejos e conflitos da época, ele conta a história da tentativa de Reforma da igreja universal e sua rejeição por muitas autoridades e poderosos.

Nas últimas décadas, contar a história da Reforma do ponto de vista de Roma tem se tornado aceitável. A oposição generalizada da década de 1960, aliada a pesquisas importantes, reais e recentes sobre o século XVI, causou a revisão de grande parte das ortodoxias históricas aceitas sobre a situação da igreja cristã na Europa ocidental e as práticas da piedade popular no início do período quinhentista. John J. Scarisbricke, Christopher Haigh, Eamon Duffy, John Bossy e muitos outros refinaram a leitura mais protestante do século XVI como um tempo de apenas corrupção e desespero. Eles explicaram os interesses políticos e econômicos dos regentes ao apoiar as doutrinas luteranas e rejeitar as alegações políticas da Igreja de Roma. O *Livro dos Mártires* de

John Foxe foi avaliado, demitologizado e corrigido. Leituras tradicionais da Reforma feitas por todos, de Jean-Henri M. d'Aubigné a Arthur G. Dickens foram rejeitadas. Para muitos, a “Reforma Protestante” foi eliminada por completo da história como pouco mais que um panfleto piedoso, mais hagiografia que história.

A própria Igreja Católica Romana se esforçou para promover a reaproximação com os protestantes por meio da *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* (1999). O autor deste livro não está satisfeito com essa declaração. Ele diz que a definição de justificação da declaração “não tem nada da definição de justificação da Reforma. A Declaração pode ser conjunta, mas a desconsideração da Reforma não é” (p. 180).

De apelo mais popular, na América do Norte, a declaração *Evangelicals and Catholics Together* [Evangélicos e Católicos Unidos] (1994) uniu acadêmicos ou porta-vozes proeminentes dos dois lados. E até um ministro da Igreja Presbiteriana Ortodoxa publicou um livro pela editora fundada pelo protestante conservador Herman Baker, sugerindo que a tarefa da Reforma acabou. Ela está finalizada e completa, Mark Noll e Carolyn Nystrom argumentaram no livro *Is the Reformation Over?* [A Reforma acabou?] (Baker, 2009).

A maré está alta para os campeões da unidade. Em nosso mundo multicultural, parece a hora certa de reduzir todos os conflitos. E os cristãos, com o grande desejo de unidade interna e evangelismo externo, sem dúvida, estão na linha de frente do desejo de paz e harmonia entre todos. Ainda assim, tais apelos não são novos. No geral, os argumentos mais eficazes contra a verdade não são falsidades óbvias, mas os

ventos cruzados de outras verdades direcionadas e aplicadas com equívoco. Normalmente, a confusão não surge quando se negam apelos à verdade, mas quando se tenta afogá-los com chamados à unidade.

Nesse sentido, há pessoas que não desejam que você leia este livro. Há quem não enxergue nenhuma conexão entre os conflitos de ontem e a missão de hoje. Existem pessoas como Peter James Lee, bispo episcopal da Virgínia, que declarou em 2004: “Se você precisar escolher entre a heresia e a divisão, prefira sempre a heresia”. Esse livro conta a história das que, como o arcebispo Thomas Cranmer, discordariam de forma absoluta. Cranmer, com os bispos Latimer e Ridley, estudaram em Cambridge e foram queimados em Oxford pelo evangelho que Roma declarou heresia. Estes, como os descritos em Apocalipse 12.11, “mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”. Carreiras foram encerradas e vidas foram tomadas pelo fato de o próprio evangelho estar em jogo na Reforma.

Com a habilidade do acadêmico e a arte do narrador, Michael Reeves escreveu a melhor introdução resumida à Reforma que já li. Se você estiver procurando um livro para ajudá-lo a entender a Reforma ou apenas começar a estudar história da igreja, esse livro dará vida à história. Depois de ler o manuscrito, o único livro de que pude me lembrar, comparável a este, pode ser outro título que você pode se interessar em ler na sequência: *Here I Stand: The Life of Martin Luther* [Aqui permaneço: a vida de Martinho Lutero], de Roland Bainton (Hendrickson, 2009). Da mesma forma que Bainton, Reeves oferece ao leitor erudição séria em prosa viva. As cenas são escolhidas com cuidado e as controvérsias teológicas pesadas e recontadas de forma judiciosa.

As personagens e sua teologia são narradas com precisão histórica e teológica, mesmo quando a história é contada com clareza, ousadia, humor e seriedade envolvente. Confiante que você será instruído, e esperançoso em relação à sua edificação, eu o convido a ler e conhecer o restante da história.

— **Mark Dever**
Washington, D.C.
Agosto de 2009